

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1087	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6950	120	<b>10 de Março de 1909</b>	<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.</p>
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	6950	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6950	120		



MONUMENTO AO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA, INAUGURADO EM 18 DE FEVEREIRO DE 1909  
(Cliché Alberto Lima)

## CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu o actor Tabora, e ainda alguns dos seus amigos e admiradores tentaram promover uma grandiosa manifestação de pesar nacional á passagem do seu enterro, mas não o conseguiram. Quem o não viu passar, e só teve noticia do que foi esse enterro p'los jornaes, poderá supôr que elle foi imponente, porque esta palavra é uma d'aquellas de que mais costumam servir-se os jornaes para dissimular a mesquinhez de certos factos. Mas quem percorresse as ruas por onde transitou o funeral, a caminho dos Prazeres, é que poderá testemunhar que essa manifestação foi, verdadeiramente, um fiasco. Que a alma generosa do grande actor perdôe aquelles que, não souberam respeitar-lhe a ultima vontade, o terem dado propriedade a semelhante expressão falando-se d'elle! Fiasco — é o termo.

Tabora conhecia as platéas como poucos, e foi por isso mesmo, talvez, quasi estou em dizer — com certeza — que mostrou tanto desejo, a ponto de dar a tal desejo a solemne forma testamentaria, de que só se desse noticia da sua morte depois de feito o seu enterro.

Por duas ou tres vezes, no seu fim da vida, alguns amigos tinham querido provocar uma manifestação publica em homenagem ao seu alto merito. Elle allegava, porém, que não tinha já forças fisicas para resistir a tanta sensação, e por duas ou tres vezes se desistiu d'esse proposito. Se não fôsse o receio de melindrar a memoria da sua modestia, dado que elle foi sempre, e em boa verdade, um modesto, eu diria ainda que talvez o seu muito conhecimento das platéas (e neste caso a platéa seria toda a gente) é que mais o punha na recusa. Elle passara a maior parte da sua longa vida a fazer rir os outros; não era justo que os outros, agora, que já nada podia, o fizessem chorar. E não o quiz, e fez muito bem em não o querer.

A morte de Tabora foi notificada p'los jornaes em meia duzia de artigos anônimos, ou quasi anônimos, com o costumado estendal de certidões de baptismo, vacina e resalva, procurados nos dictionarios biographicos. Se em uma chronica da *Lucta* se não diz, pela penna privilegiada do Sr. Manoel de Sousa Pinto, que o summo actor terá de ficar, pelos lentos seculos afora, em simetria com Gil Vicente, como as duas mais altas e luminosas expressões da scena em Portugal — de Tabora nada ficavam sabendo, nem sequer supondo, as gerações que não poderam já vê-lo representar.

No Parlamento, houve quem erguesse a voz para prantear-lhe a morte, e até o Sr. Presidente do Conselho, como não podia deixar de ser visto ser do uso, se associou em nome do Governo á proposta de um voto de sentimento na acta d'aquella sessão, achando justa a homenagem.

Mas tanto no Parlamento, como nos jornaes, o mais que se disse de Tabora foi que elle era o incomparavel, o inimitavel, e até houve quem dissésse o «impagavel» exactamente como o poderíamos dizer de qualquer dos actuaes actores do Theatro de D. Maria, onde, parece, não ha dinheiro com que lhes pagar.

Todavia, Tabora foi uma gloria authentica do theatro português, e foi muito mais do que isto, porque foi — o genio.

Ora, o genio, em Portugal, quer se trate de glorificá-lo em vida, quer simplesmente se trate de o acompanhar ao Alto de S. João, é a pobreza e é o ignorado. Não deixará o Chefe do Estado de agraciar o genio, num dado momento de celebridade, com a commenda de S. Thiago, ou de mandar collocar-lhe sobre a urna funeraaria uma riquissima corôa de violetas de Parma; irão a casa do genio apertar-lhe effusivamente a mão, ou incorporar-se-hão no seu prestito funebre, as academias e as doudas agremiações; expedir-lhe-hão telegrammas de saudação, ou irão pegar-lhe, em turnos, ás borlas do caixão, a Autoridade, a Praxe, o Snobismo; por baixo das janelas da casa da sua residencia desfilará, tirando o chapéu e dando vivas, ou atrás do carro que lhe sirva de ultimo meio de transporte, irá a pé, ou em extensa fileira de trens da Companhia, tudo quanto contém de mais illustre e distincto as classes privilegiadas. A primeira pagina dos jornaes, no dia da apothese ou no dia do enterro, virá toda engalanada ou toda tarjada de preto; o Parlamento manifestar-se ha, num ou noutro caso, por longos e profundos discursos, ou breves mas commovidas palavras, conforme for necessario deixar para o dia seguinte a ordem que estivesse dada para esse dia, ou entrar nella sem grandes demoras; a Camara Municipal dará

a uma das novas ruas, ou ainda mesmo a uma das novas avenidas, o nome do morto illustre, ou do homem eminente que ainda pode ter esta immensa satisfação em vida; as fabricas de bo-lachas e as chapelarias da moda lançarão no mercado marcas e modelos novos dos productos de seu fabrico em homenagem ao genio d'esse homem ou a esse homem de genio. Haverá para elle um momento na vida, ou para a sua familia no dia da sua morte, em que elle se persuada, ou a familia suspeite de que tudo isto é justamente devido aos altos meritos que o ornou ou ornaram.

Mas o povo — o povo no que esta palavra tem de significação exacta e elevada na vida de cada nacionalidade — lerá os jornaes, ouvirá o que se diz no Parlamento, transitará pela rua que tiver o nome do homem de quem tanto se fala, assistirá á passagem do seu enterro, e não saberá do que se trata.

Conta-se que uma senhora de boa sociedade, vendo passar o cortejo civico que percorreu algumas ruas de Lisboa por occasião do centenario de Camões, perguntára a alguém que, na mesma janella, se achava ao seu lado:

— «Mas, afinal elle era realmente Camões, ou chamavam-lhe assim por ser cego de um olho?»

O povo, em Portugal, é ainda tão ignorante como a senhora de boa sociedade a quem se attribue esta ligeira raia. Elle não ignorou quem foi Tabora, ou porque o viu representar, ou porque lh'o disseram outros que o tinham visto; mas ignorou, ignora que dever era o seu, como povo, de prestar a esse grande morto, nascido em terra portugueza, a ultima homenagem com que poderiam glorificá-lo os seus contemporaneos: acompanhando todos, de cabeça descoberta, o seu cadaver até á sua cova — cova aberta na terra que elle tanto amou e tanto engrandeceu.

JOÃO PRUBENCIO.



### O MONUMENTO AO MARECHAL SALDANHA

Os ultimos serão os primeiros, diz o Evangelho, e sem desdouro para aquelles a quem primeiro a patria pagou sua divida de gratidão por seu heroismo e valor, como a D. Pedro IV, Duque da Terceira e Marquês de Sá da Bandeira, é certo que no primeiro plano destes avulta o Duque de Saldanha e que bem parece deveria ter sido tambem o primeiro a perpetuar-se-lhe no marmore ou no bronze sua memoria.

Não me limito sómente ao caudillo da liberdade que, como Garibaldi realisando a unidade italiana pelo esforço da sua espada, teve nas suas mãos um reino e sobre a cabeça uma corôa que foi depositar na fronte do rei da Sardenha dandolhe por dominios toda a Italia unida. Não é esse precisamente o meu pensamento, ainda que em Saldanha, conquistando uma corôa para a filha de D. Pedro IV, encontre bastantes pontos de contacto com o heroe de Caprera convertendo em realidade o sonho de Cavour.

Saldanha não teria necessidade de fazer derramar sangue numa guerra fratricida para ser um heroe. Se esse fosse o motivo de sua maior gloria não seria elle o primeiro a quem as gerações teriam de levantar monumento. A sua gloria vem de mais longe; alcançou-a sim nos campos de batalha, mas defendendo a integridade e independencia da patria nas campanhas da Guerra Peninsular; alcançou-a até bem longe, nas campanhas de Montevideu em seis annos de sangrenta luta em que ficou sempre vencedor contra as forças do valente Artigas; alcançou-a, emfim, pelo seu grande coração e nobre alma, em que não sei que mais brilhou se seu altruismo se seus talentos.

Chamaram-lhe ambicioso, naquelles tempos apoucados em que se regateava o preço de quem tanto valia, e contudo tão modesto era comparado com os que hoje nada valem e muito querem que lhes paguem.

Teve a oferta de um reino, quando sahia victorioso das campanhas de Montevideu e engeitou a corôa. Preferiu a de louros que lhe assentava melhor na iluminada fronte.

Dominava n'elle antes o genio da aventura; era um português como os portugueses doutr'ora que engrandeceram Portugal com os seus descobrimentos e conquistas no seculo XVI, da mesma euvergadura e estofo daquelles heroes que se chamaram D. João de Castro, D. Francisco de Almeida, D. Luis de Atayde e outros muitos grandes capitães.

Não falemos da politica porque essa enxovalha sempre e não satisfaz a todos. Grande é o vulto do Marquês de Pombal e ainda hoje se questiona o monumento que lhe pretendem erigir.

Do Marquês de Pombal descendia, por sua mãe, o nobre Duque de Saldanha, e se o primeiro ministro de D. José levantou das ruinas de um terremoto esta esplendida Lisboa e fez respeitar Portugal no meio da Europa, o seu descendente Saldanha levantou bem alto o nome da patria com o valor da sua espada e honrou-a em toda a parte com o prestigio de seu nome, que outro não houve nas armas mais glorioso no seculo XIX a medir-se com Napoleão Bonaparte.

Eis porque seu monumento se impõe e agora as gerações hão-de passar reverentes ante a sua estatua, sem temor de que as revoluções a derubem.

Muito succintamente seguem as notas biographicas que dão a estirpe de que descendia o marechal Saldanha e enumeram os feitos da sua vida militar e actos politicos.

D. João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira Daun, foi primeiro Conde, Marquês e Duque de Saldanha com honras de Duque Parente, filho do Morgado de Oliveira, primeiro Conde de Rio Maior, e de D. Maria Amalia de Carvalho e Daun, filha do primeiro Marquês de Pombal, pelo que era neto, por sua mãe, do grande estadista português. Nasceu no palacio da Annuciada, em Lisboa, aos 17 de novembro de 1790.

Aos 15 annos de idade sentou praça de cadete no regimento de infantaria n.º 1 e logo entrou em estudos na Real Academia de Marinha, onde foi estudante distincto.

Em 1806, por decreto de 8 de janeiro, que concedia aos filhos militares dos conselheiros de Estado o posto de capitão honorario, Saldanha foi investido nesse posto, de que passou no anno seguinte á efetividade.

Tres mezes havia decorrido que Saldanha assumira essa efetividade, quando, em novembro, a familia real portugueza partiu para o Brasil deixando o país entregue á invasão franceza que transpunha as fronteiras.

Saldanha pouco tempo se conservou ao serviço da regencia e logo, em janeiro de 1808, pedia a sua demissão e se foi alistar entre os patriotas que se insurgiam contra o dominio francès, nunca servindo no exercito de Junot, como erradamente diz Larousse no seu dictionario.

No primeiro troço de tropas organizado por Bernardin Freire de Andrade, entrou o joven capitão, que apenas contava 18 annos de idade, e incorporando-se com o pequeno exercito português ás forças inglesas, começou a sua vida de campanhas distinguindo-se logo por seu valor, que lhe valeu o ser promovido por Beresford ao posto de major. Seguem-se as successivas batalhas em que mais avulta a do Bussaco e a de Salamanca, e Saldanha taes feitos de armas pratica que é promovido a tenente coronel por distincção. Ainda neste posto, é encarregado de substituir o general Hilli no cerco de Bayona.

A guerra Peninsular foi a sua estreia em que conquistou, nos verdes annos de sua mocidade, postos por distincção até ao de coronel e se cobriu de medalhas de ouro das campanhas inglesas do Bussaco, de S. Sebastian e Nive, e espanholas de Victoria, S. Sebastian, Nive e Tolosa.

Descançou, emfim, um pouco das guerras e segredando-lhe o coração para que repartisse suas glorias com uma gentil senhora por quem se apaixonara, casou a 5 de outubro de 1814, na igreja de S. José com D. Maria Thereza Margarida Horan Fitz Gerald, filha do general Thomaz Horan, que ficando orfan ainda creança, fôra educada pela condessa de Rio Maior e em sua casa vivia de muito nova na convivencia de Saldanha, amando-se os dois desde a infancia.

Não tardou que os deveres militares viessem eclipsar a sua lua de mel, pois logo em julho de 1815 partia para a America na expedição militar a Montevideu. Ali mais evidenciou seu valor militar numa campanha que se alargou por seis annos fôra, em prodigios de valentia e coragem nunca esmorecida, chegando a bater-se corpo a corpo com os indomitos gauchos, que delle conta D. Antonio da Costa, na sua historia do Marechal Saldanha, que o bravo general depois de batalhar horas seguidas braço a braço, com o inimigo, rechassando-o a golpes da sua espada, terminada a luta se encontrou coberto de sangue e de miolos, mas iléo, como sempre ficou em todos os combates.

Artigas perdeu afinal a campanha numa luta desesperada e Saldanha, vencedor, foi nomeado capitão general do Rio Grande do Sul, isto em 1821, antes de D. Pedro IV proclamar a independência do Brazil.

Logo, porém, que Saldanha viu o Brazil tornar-se independente de Portugal e não obstante os maiores oferecimentos que lhe fizeram para se conservar no, então proclamado imperio, pediu a exoneração dos seus cargos e retirou-se á mãe patria, onde a sua lealdade e patriotismo lhe indicavam.

Na desgraçada, aflitiva situação em que Portugal se encontrava, bem preciso lhe era toda a delicadeza de seus filhos que mais lhe podiam valer, e por isso Saldanha que era um dos mais valiosos, cujo nome já prestigioso animava e por si se impunha para os mais arriscados cometimentos, foi logo incumbido de dirigir uma expedição militar á Bahia em socorro do general Madeira que ali se esforçava por submeter aquella provincia.

Saldanha não recusou aceitar a arriscada comissão, que tanto a sua alma de leal português como a disciplina militar lhes impunham, mas tratando de organizar as forças e material de guerra que o deviam acompanhar, viu que tudo faltava e que seria uma loucura arriscar as vidas que lhe confiavam, numa derrota que tinha por certa, pois conhecia suficientemente a resistencia que iria encontrar. Expoz as suas razões, fez vêr a inutilidade do sacrificio que o governo exigia, sem elementos serios para empreender, com resultado favoravel e proveito, uma tal campanha, mas não foi atendido e o governo, querendo vêr no procedimento de Saldanha um acto de indisciplina militar, ordenou a sua prisão no Castelo de S. Jorge em fevereiro de 1823, onde jazeu cerca de tres mezes.

Veio a chamada Vila-francada e Saldanha sahio do Castelo no dia 30 de maio, sendo nomeado comandante da divisão do Alemtejo, depois de uma larga entrevista com El-Rei, em que este procurou atenuar a irrefletida resolução do governo de prender o valoroso general, tão amante da sua patria.

Em 1825 Saldanha é nomeado governador militar do Porto e é elle o maior partidario da Constituição. Deposto o governo absoluto, Saldanha forma parte do governo liberal encarregando se da pasta da guerra e é nesta qualidade que vai ao Algarve sufocar uma revolta militar, pondo os revoltosos em fuga para a Andaluzia.

A situação interna de Portugal era cada vez mais inquietada, sentindo-se latente a revolução que devia por uma vez firmar o governo liberal contra os que prevaleciam no absolutismo. Uma doença grave afastou Saldanha por alguns mezes dos negocios publicos, e este incidente foi aproveitado pela reacção para mais se insinuar no espirito da regente D. Isabel Maria levando-a a não assinar os decretos liberaes, que Saldanha lhe apresentou quando, restabelecido da doença, tomou conta da sua pasta.

Saldanha demittiu-se de ministro e no mesmo dia em que o fez, 28 de agosto de 1827, houve pela noite a celebre manifestação popular denominada a *archotada*.

Feito regente D. Miguel, retirou de Lisboa a divisão ingleza e Saldanha seguiu com ella para Inglaterra, donde depois voltou com o Duque de Palmella para o Porto onde se preparava a revolução liberal. Saldanha, porém, por motivos que não se esclareceram bastante, dexistiu do seu proposito e voltou outra vez para Inglaterra.

Isso não impediu que elle fosse o braço direito de D. Pedro quando veio implantar no Porto o governo liberal que depois se estendeu a todo o país, e que o Rei Soldado dissesse a sua filha ao apresentar-lhe Saldanha:

— Senhora, é a este general que deve o estar aqui.

Foi tormentoso o reinado de D. Maria II, cortado de revoltas e de guerras fratrecidas em que Saldanha teve parte principal, impondo a sua vontade que todo o exercito acompanhava porque



MARECHAL DUQUE DE SALDANHA

era delle o seu idolo, que tantas vezes o havia conluzido á victoria e em que confiava cegamente.

Com a Regeneração, em 1851, serenaram as tempestades politicas que acenderam a guerra civil e assolaram o país. Saldanha entrava triunfante em Lisboa, vindo do Porto, e a rainha do Tejo abria lhe os braços num entusiasmo indiscriminado, de que fui testemunha, nos poucos annos que ainda contava. Pois não tornei a vêr até hoje coisa assim na minha terra. E' que o marechal Saldanha só por si era uma força em que todos confiavam, e o prestigio do seu nome e da sua figura impunha-se e despertava tanta simpatia a sua expressão franca, e tanto respeito os seus cabelos nevados, que todos o amavam como a um pae generoso e bom, que sempre os valentes o são, por quem este povo é fanatico, que no seu sangue germina a valentia.

O marechal Duque de Saldanha foi por varias



O ESCULTOR THOMAZ COSTA

vezes ministro da guerra e presidente do conselho e a ultima vez que desempenhou este alto cargo foi em 1870, no governo que formou depois da sua ultima manifestação militar de 19 de maio, no reinado de El-Rei D. Luis.

Rastejava já pelos oitenta annos, mas parecia ainda o mesmo homem vigoroso das campanhas, e por mais que os cabelos lhe nevasssem emmoldurando-lhe a fronte bem rosada, não dava a quem o via a impressão da velhice.

Este seu ultimo governo pouco durou e deixou a presidencia do conselho para aceitar a embaixada de Londres, onde faleceu a 21 de novembro de 1876, com 86 annos de idade.

Trasladados os seus restos mortaes para Lisboa, jaseem no Panteon Real de S. Vicente de Fora, como lhe competia na qualidade de Duque Parente.

Nos limites deste artigo mais não cabe dizer do ultimo marechal português, cuja briografia está feita em varios volumes por bons escritores.

O seu monumento, que hoje se levanta na praça Duque de Saldanha, inaugurado solemnemente no dia 18 de fevereiro, é o pagamento da grande divida em que estava a nação para com o seu ultimo marechal que tanto a honrou.

Este monumento não dá, acaso, a impressão de algum desses feitos de valor que illustraram a vida do grande general. E' de uma prosaica convenção official, que não se casa com a epoca romantica em que se desenrolaram os dramas e tragedias em que

Saldanha foi protagonista.

São tantas as situações da sua vida em que foi heroe, que os quadros movimentados dos seus feitos representam se facilmente ante os olhos sem grande esforço de imaginação.

Não quero dizer com isto que o artista autor do monumento não sentisse e visse esses quadros da vida do heroe, mas simplesmente que elle teve de cingir-se, talvez, ás imposições de um determinado orçamento dentro da estética official, que não vae além das linhas classicas numa estreita comprehensão do que é a Arte. Conforme este prisma não consente os heroes senão como santos em altares e tudo o que de humano se esteriorisa na realidade da vida, que nos impressiona e comove, tem por importuno para a deificação desses heroes, que só os quer vêr cobertos de crachás e fitas a um tanto por cada mercê honorifica. O monumento já é uma grande concessão; que elle se conserve no aprumo de um pedestal com um não menos aprumado heroe a quem se permita a liberdade de levantar um braço ou recuar uma perna, e por um excesso de estética, uma alegoria classica, não vá a religiosidade das consagrações officiaes ofender-se com os realismos humanos.

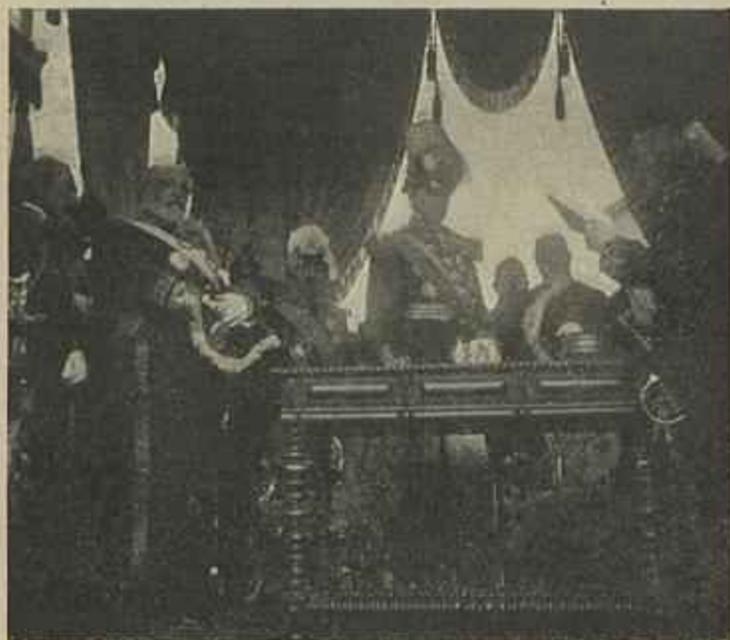
Deve ter sido isto, que Thomaz Costa teria talento para nos apresentar Saldanha num dos muitos actos da sua vida em que elle assumiu as proporções de heroe, e como daria mais gosto vê-lo assim, brandindo a espada entre os seus soldados e o povo, todos empenhados num lance difficil da luta, como tantos se succederam por essas campanhas fóra.

Disse-se que a attitude da estatua de Saldanha se referia á sua entrada triunfante em Lisboa, mas neste caso o illustre Marechal vinha a cavallo seguido de todo o seu lusido estado maior e correspondendo ao entusiasmo com que o acolhiam, cortejando o povo, que não cessava de o vitoriar.

Quão mais bêla, nobre e marcial não seria, pois, a sua estatua se o representasse nessa hora feliz da vida, já que o bronze não comemorava alguma daquellas acções em que elle atingiu essas proporções de heroe.

Thomaz Costa produzindo a estatua de Saldanha, encontrou-se talvez em condições muito semelhantes ás de Machado de Castro, quando lhe incumbiam fazer a estatua equestre de D. José I arvorado em cavaleiro romano, não se sabendo

## Inauguração do Monumento ao Marechal Duque de Saldanha



SUA MAGESTADE EL-REI D. MANUEL OUVINDO LER O AUTO DA INAUGURAÇÃO — OS MEMBROS DA CAMARA MUNICIPAL ASSINANDO O AUTO DA ENTREGA  
(Instantaneos Alberto Lima)

por que bulas. Uma alegoria heroica, mas em que afinal o heroe era o Marquês de Pombal.

Agora não se daria o caso de ser outro o heroe a comemorar no monumento. Saldanha seria com propriedade o cavaleiro romano, e assim elle appareceria no pedestal mais heroico, mais suggestivo aos que o contemplassem.

Mas lá está correcto, tão correcto na attitude

como na escultura, bem modelada, sob o pedestal quadrado, severo, sustentado por quatro colunas sob o entablamento dorico, classico, rigorosamente delineado pelo talentoso architecto Ventura Terra. A severidade do pedestal amenisa-se um tanto com a figura allegorica da Vitoria que lhe decora a face principal, e que é bem lançada e confirma os créditos do distincto escultor o

sr. Thomaz Costa, aliás affirmados por outras obras.

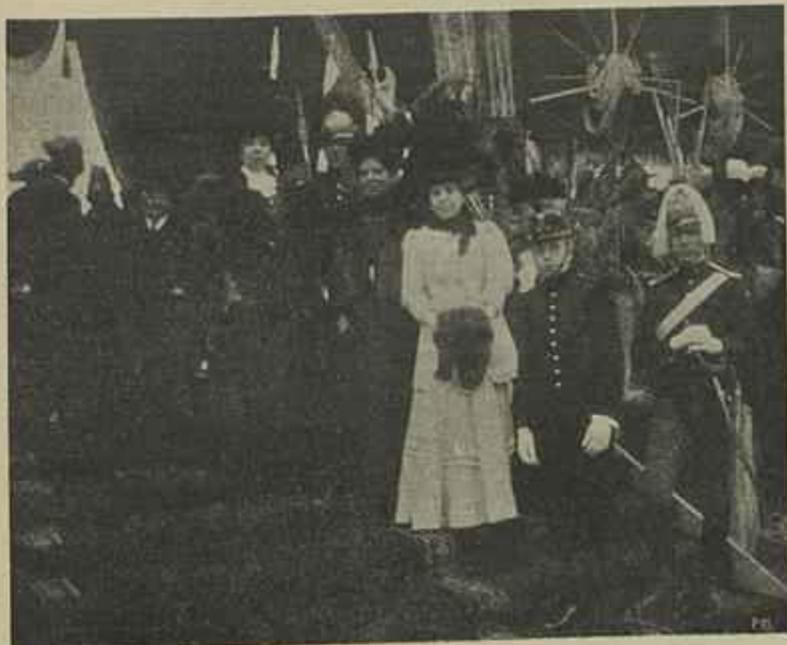
Sob a figura da victoria vêem-se as armas portuguezas entre ramos de loiro e carvalho, e nas outras faces do pedestal destacam-se cabeças de leões sustendo da boca panoplias decorativas com a inscrição: *Campanhas da Liberdade*, etc.

Tanto estas decorações como as estatuas, tudo



SUA MAGESTADE EL-REI D. MANUEL SAHINDO DO PAVILHÃO REAL  
(Instantaneo Benoliel)

## Inauguração do Monumento ao Marechal Duque de Saldanha



OS REPRESENTANTES DA FAMÍLIA DO MARECHAL, NA CEREMÓNIA DA INAUGURAÇÃO.—OS VETERANOS DAS CAMPANHAS DE SALDANHA NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO  
(Instantaneos Alberto Lima)

em bronze, foram fundidas no Arsenal do Exército com a perfeição de outros trabalhos deste género ali feitos por varias vezes. A estatua de Saldanha tem o peso de 2:354 kilogramas e a da Vitoria 1:920.

A base do monumento occupa um quadrado de 9 metros de lado e o pedestal eleva-se a 7<sup>m</sup>,82 de altura que, junto á estatua de 3<sup>m</sup>,18, dá o total de 11 metros.

A praça Duque de Saldanha ao fim da Avenida

Fontes Pereira de Mello, é das mais amplas da nova cidade, pois abrange uma area de 15:386 metros quadrados num circuito de 70 metros de raio.

Mas a grandesa d'esta praça não é suficiente



AS TROPAS PASSANDO EM CONTINENCIA AO MONUMENTO  
(Instantaneo Benoliel)

## O CARNAVAL

para lhe dar belêsa, porquanto a irregularidade e por vezes o fantastico das construcções que a circundam, mau cenario fazem a qualquer monumento com que se decorasse.

Em tudo se revela neste pobre país a falta de bom criterio e ainda mais a falta de muito rudimentares noções da arte, nos que se propõem dirigir um municipio como o de uma capital que convida estrangeiros a vir admirar lhe as belêsas.

Nisto está como em tudo; essas belêsas são simplesmente as naturaes que Deus lhe deu e que toda a sagacidade dos reformadores deste país não poderam ainda destruir; quanto ao que o bom senso e a estética aconselham, é o que se vê.

A liberdade ampla de cada qual construir a sua barraquinha como a tóla fantasia lhes sugere, aliada á acomodaticia pratica dos mestres de obras, produz por toda essa cidade, ainda que seja nas avenidas e praças mais monumentaes, esses abórtos architónicos que a cada passo se encontram. O monumento de Saldanha fica sendo vitima d'isto, no meio de uma praça nada preparada para o receber.

A inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha foi um acto solemne que se realisou com todo o aparato official destas ceremonias.

Armou-se um pavilhão luxuosamente decorado para a recepção de El Rei D. Manuel e leitura dos discursos e auto que ali foi assinado. Aos lados deste pavilhão, armaram-se tribunas para o corpo diplomatico, deputações das casas do parlamento, camara municipal e mais convidados.

Os representantes da familia do Duque de Saldanha tinham logar reservado no pavilhão real e eram as srs.<sup>as</sup> marquês de Rio Maior, condessas de Almoester, de Cintra e da Asinhaga e os srs. marquês de Pombal, João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun e seus irmãos srs. José Augusto, Joaquim Pedro Quintella e Luis Saldanha de Oliveira Daun.

Compareceram tambem á inauguração alguns veteranos da Companhia de Reformados de Runa, contando-se entre elles, velhos que acompanharam Saldanha nas acções de Torres Vedras, do Porto e na ultima manifestação militar do Marechal, de 19 de maio de 1870. Destes pobres velhos apresentaram-se ainda dois: Custodio José e Anacleto José, que fizeram com Saldanha todas as campanhas da liberdade e dellas contavam episodios, com os olhos marejados de lagrimas, recordando o seu querido Marechal. Eram documentos vivos das façanhas por elle praticadas, e que desaparecerão com a morte destes velhinhos, sem que lhe recolham seu depoimento.

Ao descerramento da estatua por El-Rei, e quando a bandeira portugueza que a velava se desprende, os alumnos da Escola Naval e da do Exercito, que faziam a guarda de honra junto ao pavilhão real, perfilaram as espadas, fazendo então El Rei a continencia emquanto as bandas militares tocavam o hino de Saldanha.

Para os novos esse hino; foi uma novidade, para os velhos uma recordação que os sensibilizou até ás lagrimas.

Seguiu-se o discurso do sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, presidente da comissão executiva do monumento, a que El Rei respondeu, sendo depois lido pelo secretario da comissão, general sr. Agostinho Maria Cardoso, o auto da entrega do monumento á Camara Municipal.

Emquanto se procedia á assinatura desse auto, o sr. D. Manuel manifestou o desejo de conhecer os vereadores presentes assim o comunicando ao sr. conselheiro Antonio de Azevedo, que convidou o presidente do municipio sr. Anselmo Braamcamp a apresentar os seus colegas presentes srs. José Miranda do Valle, Agostinho José Fortes, Manuel Antonio Dias Ferreira, Antonio Alberto Marques e dr. José Soares da Cunha e Costa.

A todos El-Rei apertou a mão dizendo que os estimava conhecer.

A cerimonia terminou pelo desfilar das tropas da guarnição de Lisboa, que haviam formado em parada desde a praça do Duque de Saldanha até ao Campo Grande. El Rei com o sr. Infante D. Affonso á direita, general sr. Craveiro Lopes á esquerda e seu estado maior passou em continencia á estatua, e a seguir marcharam as forças militares, principiando pela dos marinheiros, ao som do hino de Saldanha tocado pelas bandas.

Era o mesmo hino que se ouviu quando o Marechal entrou triunfante em Lisboa em 1851. O entusiasmo é que não era o mesmo de então.

CAETANO ALBERTO.

Passou o Carnaval. E, segundo me parece, sem deixar saudades a não ser nalgum peito enternecido de jovens namorados, a quem porventura, nessas noites, um olhar entremostrasse róscos horizontes de felicidade sonhada...

Mais ninguem poderá recordar saudoso esse tempo em que, em Lisboa, se respirava um ambiente formado, ao que parecia, de bocêjos de sensaboria neurosténica, gestos de parvoice saioia, arrastamentos de preguiça burgueza, arroto de bebedeira suja, exalações de miseria esfarpada e faminta, desabrimientos infrenes de corrupção abjeta...

Uma sensaboria que nos dava a impressão dum zumbido agudo: — provocaria o sono se não nos ferisse os ouvidos, despertando lá dentro, no fundo da nossa alma, ecos de dorida tristêza.

Nenhuma originalidade que nos abrisse a alma numa alegria clara e os lábios numa gargalhada franca. Nenhuma!

A mocidade heroica e bela, em cuja alma é natural a alegria despreocupada, em cujo peito perene o sentimento vibrante e em cujos labios frequente o sorriso claro e radioso como um jacto de sol numa manhã de abril, a propria mocidade era triste, sonolenta, preguiçosa, como se uma atmosfera tóda preñhe de nuvens e quasi desprovida de óxigenio vivificante envolvesse as almas na mesma treva, penetrasse os corações do mesmo frio e contráisse os labios no mesmo rictus alvar de insensatez...

Parecia que um sonambulismo envolvente levantara do leito e arrastava pelas ruas funebremente aquela multidão, em cujo inexpressivo gesto parecia haver o indefinível duma vaga tristeza e em cujos movimentos vagarosos a lentidão inanimada da inconsciencia...

Porquê? — Era a pergunta que a mim próprio dirigia, na concentração em que me isolava dos homens e das coisas.

Desesperava-me na impossibilidade de resolver este problema de psicologia colétiua. Por entre a multidão que se apinhava pelas artérias principaes de Lisboa, eu procurava surprender uma nota característica, qualquer facto tipico, uma simples palavra impressa que, timbrando no lago liso da minha alma, produzisse as ondulações concentricas do pensamento.

E passavam os carros, expondo aos nossos olhos pasmadamente abertos as mais radiantes formosuras da nossa terra; e circulavam os jannotas, patenteando á inconsciencia sonámbula dos basbaques a toleima impertigada das suas almas, mais ainda que dos seus colarinhos; e estacionavam os miserimos mendigos, pondo no chão as manchas sujas da sua montureira nauseabunda e lançando para o ar a exalação fétida das suas padridões e das suas lamúrias. E por sobre tudo isto — forindúras e toleimas e misérias — por sobre as fulgências áureas do luxo requintado e as exalações repugnantes das podridões abjectas — uma chuva persistente de papelinhos e papelinhos, em nuvens encarnadas, douradas, azuladas, caia do ar inundado de sol, immaculado de pureza...

Mas de parte alguma — nem da terra que me mandava as lamúrias arrastadas dos miseraveis nem do ar donde me caíam as nuvens douradas e leves dos papelinhos — me vinha a ambicionada resposta satisfatória.

Fugi, enfim, á multidão. Na rua silenciosa e triste eu desesperava-me na solução do problema proposto, já atordada a cabeça ao choque de mil impressões descontraídas e moveidias.

Porquê aquella tristeza inexpressiva, sonambulada? Porquê?

— Eu já não tenho idade para isto. Já lá va o tempo... já lá va... — disse alguém perto de mim.

Era um velhote mirrado e carcomido a cabeça a tentar erguer-se, compensando a curvatura espinal a acentuar-se e o olhar brilhando numa viveza iluminada e quente que um tanto lhe atenuava a fúnebre palidez das faces gastas. Tinha no semblante uma expressão de saudade por uma idade distante, em que elle, porventura, robusto e heroico, ardera na rubra combustão de paixões violentas em que haveria expellido tóda a seiva enérgica de que a sua experiencia agora carecia e as suas esperanças necessitavam...

Não sei que impressão me causou esse homem. Eu julguei experimentar o mesmo sentimento de

maguado desconforto que se experimenta quando, na voz plangente do sino, se ouve a confirmação duma morte que sabíamos.

Era verdade. Aquêllo velho já não tinha no corpo a rebutez atlétiua e na alma a despreocupação alegre de uma juventude remota — aquêllo em que elle, em prodigalidade cavalheiresca, no tumultuar de paixões violentas, porque eram vigorosas, esbanjava loucamente tanta energia radiosa e ardente...

E fazia pena, porque eu julguei vêr naquêllo olhar a iluminação dum vidente e a impavidez homérica de quem tenta realisar ideaes esplêndidos, entrevistos no horizonte enevoado, á luz dum sonho santo e confortante. E o velho carcomido e mirrado não seria capaz disso. Sucumbiria a meio do caminho, talvez sonhando ainda, envólto no ambiente azul duma luminosa esperança que, pára o alentar, lhe ia mentindo ainda.

... E não sei porque, julguei-me satisfeito na minha curiosidade...

HERNANI CIDADE.

## A casa submarina

Max Pemberton

## Em que Jasper Begg dá a conhecer o motivo da sua viagem

Muitas pessoas me teem pedido, para escrever a historia da ilha de Ken.

Vou encetar esse trabalho o melhor que possa fazel-o, e tanto quanto o permittam os fracos recursos litterarios de que dispõho.

Eu, Jasper Begg, sou um simples marinho, que apenas recebi uma educação insufficiente na escola, e portanto já sei que vou ter muito trabalho para escrever com clareza, afim de todos perceberem as coisas maravilhosas que vi na dita ilha.

Estavamos a 3 de maio de 1899, e acabavam de picar as quatro badaladas do quarto, quando Harry Doe, nosso contramestre, viu terra a bombordo, e me annunciou que tinhamos chegado ao termo da derrota.

Levamos cincoenta e tres dias de viagem, desde que sahimos de Southampton, e durante este tempo, nem um só homem da tripulação do *Cruzeiro do Sul*, sabia qual era o seu destino, nem qual o motivo porque o capitão Jasper Begg os havia contratado a navegarem pelo Oceano Pacifico.

Muitos diziam que era uma viagem de recreio, por se lembrarem que eu tinha servido sempre em yachts particulares, desde o dia em que, fugindo da escola, me puz sob a protecção do patrão Higg que commandava a escuna de lord Kanton; outros porém, não acreditavam que um marinheiro como eu, me fosse divertir para lá do canal de Suez, e muito menos achavam explicação, a que um pobre diabo como Jasper Begg, houvesse encontrado dinheiro para fretar, por intervenção da casa Philippes Westbury & C.<sup>as</sup>, um vapor de quinientas toneladas, pagando além d'isso generosamente, aos homens que compunham a tripulação.

Estas duvidas, tencionava eu esclarecel-as, quando chegasse occasião oportuna.

Algumas explicações que dei, de que a viagem tinha sido emprehendida em interesse de uma senhora, bastaram para tranquillizar toda esta gente, mas não foram suficientes para lhes satisfazer a curiosidade.

Mr. Jacob, meu primeiro tenente, e Peter

Bligh (que se me reuniu, porque dizia ser eu, o unico homem capaz de o trazer separado da bebida) adivinharam parte do segredo, mas não sabiam nada ao certo.

Os dois tinham servido comigo e sob as minhas ordens, no yacht de Ruth Bellenden; nenhum d'elles esquecera ainda, que o marido de Ruth havia embarcado em direcção ao Oriente, afim de ali passar a lua de mel.

Não sei se elles pensaram alguma vez, que os negocios particulares da gentil americana, se combinavam com a viagem do *Cruzeiro do Sul*, ou se seriam alheios um ao outro. A minha obrigação era calar a boca até verem terra, e portanto assim fiz por amor de Ruth.

Como já disse, era o terceiro dia do mez de maio, quasi ao terminar o ultimo quarto, quando Harry Doe, viu terra a bombordo e se me dirigiu com os marinheiros do quarto, para receber ordens.

Mr. Jacob recolhera ao seu camarote e Peter Bligh achava-se na ponte, e mandava pôr a meia velocidade, quando eu appareci munido do oculo para observar a ilha que se via ao longe, confundindo-se com o céu.

Estavamos então a 150° ao E. de Greenwich por 30° ao N., e a minha primeira impressão, foi que nos encontravamos à vista do grupo Ganges, como outros tantos barcos que fazem a travessia de S. Francisco da California ao Japão; mas depois de observar um pouco a ilha, e especialmente o esporão de rochedos que avançavam pelo mar dentro até ao N., convenci-me immediatamente, que era a ilha de Ken, e que podiamos dar por concluido o nosso passeio marítimo.

— Rapazes! — disse eu — Chegámos ao porto desejado. Bom tempo e boa sorte, e antes de três dias regressaremos à nossa terra.

Receberam com vivas esta noticia, e Peter Bligh, que vai descahindo um pouco para a segunda meninice, que é como quem diz, já entrado em annos, passou a mão larga pela frente tisonada, como se lhe tirassem de cima do corpo, um peso de cem arrobas.

— Estimarei bastante que assim seja, capitão — respondeu. Bem sabe que cumpro sempre o meu dever, seja qual for o clima, mas este maldito calor derrete um homem, nem que seja da mais fina tempera. Parámos aqui, ou continuamos avançando a um quarto de machina?

— A um quarto de machina, — retorqui. — A carta diz que ha uns 3:11 metros de fundo em volta do recife; assim temos agua bastante, e o fundo é uma coisa muito necessaria para barcos d'esta ordem; sabes tão bem como eu.

O grupo das ilhas apparecia então no horizonte, como sombras sobre o mar espelhento. Com o auxilio do oculo pude divisar um terreno montanhoso até ao Sul, enquanto para Norte, o esporão de rochas avançava pelo mar dentro.

O sol poente escondia-se por detraz d'um céu alaranjado e purpureo, formando um quadro maravilhoso, digno d'um pincel excepcional. Jorros de luz cercavam como laminas de ouro, o massivo escuro das altas rochas, ou corriam como regatos luminosos sobre a tremulina do mar.

Tenho contemplado muitas vezes quadros magnificos sobre o oceano, tanto em calma como em tempestade, mas nunca poderei esquecer o pôr do sol d'esse dia, em que cheguei à ilha de Ken, com a missão mais singular que se tem dado a um capitão de navios.

Muitas terras desconhecidas, tambem hei visto, mas aquella interessava-me mais do que qualquer outra, porque era ali a morada de

Ruth Bellenden, e ao romper do sol do dia seguinte, poderia então averiguar qual a sorte da minha senhora, pois fôra esse o motivo por que saíra de Inglaterra.

O primeiro tenente Jacob, tinha subido à ponte, enquanto eu, de oculo em punho, buscava um porto onde fundear, e como homem pratico, foi elle de parecer que nos puzessemos de capa e abandonassemos até pela manhã, toda a idéa de desembarcarmos.

— Não teremos luz dentro em dez minutos, — disse elle, — e não gosto nada da apparencia d'este porto. Mais vale conservarmos a distancia, porque as rochas e recifes, não costumam apartar-se para deixarem passar os barcos quando se lhes approximam.

Concordei plenamente com elle, e começámos a chalar com Peter Bligh, fazendo-lhe ver o mau effeito de andar n'aquella noite a correr aventuras na ilha, perdido pelas tabernas com as indigenas, quando repentinamente brilhou ao longe, a luz d'uma fogueira, posta sobre um rochedo por detraz da ilha principal.

Olhámos todos anciosos para aquella luz. Era um sitio mau para fazer signaes, portanto estranlámos bastante a sua appareição.

— Acho deveras singular que essa luz seja para ajudar os pobres marinheiros a encontrar fundeadouro — disse Mr. Jacob. — Quasi me atrevia a affirmar, que está uma milha mais ao Norte do que deveria estar.

— Aproximemos a ella e milagre será se não dermos com o canastro de encontro aos cachopos — volveu Peter Bligh. — Na minha terra, lá na Irlanda, tambem costumam pôr grandes taboetas avisando as cyclistas, que tal ou tal caminho é perigoso, mas põem-n'as sempre no fim d'elles! Pelo que vejo, por aqui faz-se o mesmo, com os signaes marítimos!

Entretanto, parte da tripulação agrupada perto da escada da ponte, ria-se d'esta chalaça de Peter, enquanto outros murmuravam entre si, como se aquelle signal os desgostasse e viesse interromper a sua tranquillidade.

Tanto em terra como no mar, o marinheiro é sempre supresticioso.

— Rapazes! — disse voltando-me para os murmuradores; — não ha que ter receio, porque não estou com vontade de tomar conhecimento com essa luz mysteriosa! A'manhã veremos isso mais claramente. Enquanto esperamos, estão aqui cincoenta libras para repartir entre si, como gratificação do seu comportamento durante a viagem, e ficam guardadas outras cincoenta, para quando virmos o primeiro pharol das costas d'Inglaterra. Por esta noite temos fundo e agua de sobra para manobramos; portanto deixemos gosar da fogueira os tolos que a acenderam. Dou-lhes os meus agradecimentos pela maneira como se comportaram a bordo. Peçam da minha parte ao dispenheiro uma ração extraordinaria de grog, e bebam-na à minha saude.

Tinha chegado o momento de partici par aos officiaes, quaes eram as minhas inten-

ções, por isso os chamei à minha camara, quando os marinheiros se retiraram, e deixando a guarda do novo quarto, a um rapaz, excellente moço por signal, mandei Job ao dispenheiro afim nos fornecer algumas garrafas de Xerez e correspondentes copos que poz sobre a meza.

Mr. Jacob, acavallou os oculos no nariz, como sempre fazia ao entrar nas camaras e camarotes, ou como se se dispozesse a lêr alguma obra interessante; e Peter Bligh, sentou-se a um canto com o bonet sobre os joelhos e a expressão mais idiota que tenho visto.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



## O CARNAVAL DO PORTO

Mais pratica e não menos amante do progresso a cidade do Porto em muitas coisas se vae avantajando a Lisboa. O Carnaval é uma dessas coisas em que mais progresso tem revelado de ha uns quatro ou cinco annos para cá, indo na vanguarda de Lisboa quando aqui se fizeram as primeiras tentativas para civilisar o Carnaval.

Quanto Lisboa se tem mostrado renitente em aceitar um Carnaval mais civilisado, quanto o Porto lhe tem aberto os braços e tambem a bolsa para que os tres dias de entrudo fossem dias de festa e de alegria popular, divertindo-se e chamando á primeira cidade do norte, gente de toda a parte e até de Lisboa, beneficiando muito o commercio, que tambem concorre com a sua quota.

Isto se deve, principalmente, á iniciativa do Club Finianos Portuenses, que mais tem influido para tornar as festas carnavalescas interessantes, finas e até artisticas, pois para ellas pedio a colaboração de artistas, do que resultou organisarem-se vistosos cortejos carnavalescos, com carros allegoricos, bem imaginados e melhor deliniados com bom gosto, arte e espirito, e mascaradas engraçadissimas, luxuosas, com allusões mais ou menos picantes, á politica e aos usos, admitindo tambem danças nacionaes a caracter, todo um conjunto de festa e de pitoresco muito atraente.

O Carnaval deste anno iniciou-se no Porto por uma marcha luminosa, que no sabado gordo á noite sahiu do pateo do Paraizo á rua do Bom-jardim, composta de uma burricada de cem gericos montados por um grupo do *Conservatorio orneofonico de Cacilhas* — uma brincadeira engraçada — a que se juntou grande numero de socios dos bombeiros voluntarios, tudo levando balões venizianos, e assim percorreu as principaes ruas da cidade numa grande alegria de gargalhadas que os varios episodios deste pitoresco e comico cortejo provocaram.

No domingo e terça feira gorda percorreu os pontos principaes da cidade o seguinte cortejo que principiava assim: Quatro guardas de cavalaria — Seis arautos — Trono de Arlequin — Guarda de honra — Banda do Club — Moinho do tio Fisco — Banda de moleiros — Pitoresca guarda de honra composta de amazonas valon-



A DIREÇÃO DO CLUB FINIANOS PORTUENSES

## O Carnaval no Porto



O LEME DA NAU DOS QUINTOS — CARRO RECLAME DA EMPRESA FABRIL DO NORTE — (Instantaneos Pereira Cardoso)

gueiras — A nau dos quintos — Grupo musical dos *Grulhas* — Banda de rabanetes — Grupo musical *Os Modestos* — A elegancia exotica — Carro reclame da Empresa Fabril do Norte — A locomoção do futuro — Carro das canções nacionaes

Festa rabela — Rancho de varinas dançando — A concha de Anfítrite — Guarda de honra — *Laudus* enfeitados com a direção do Club Fenianos Portuenses e comissão executiva do Carnaval.

Por esta resumida enumeração se pôde fazer

ideia do luzido e pitoresco cortejo, que naquelles dias animou a cidade do Porto.

Os instantaneos que publicamos completam esta noticia, mostrando o bom gosto e arte de alguns dos carros alegoricos e de reclame.

## Gaspar Pinto Teixeira

ALFAIATE

Grande sortimento de fazendas inglezas e nacionaes

Rua Augusta, 245 e 247 — LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

## EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPE DA FONSECA JUNIOR

Numero telefonico 500

Aluga Coupés, Mylordes, Caleches, Landaus e Clarences para todos os serviços

RUA DE S. BENTO, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO &amp; C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## Casa Santos Camiseiro

24, 25, Praça de D. Pedro (Rocio), 24, 25

LISBOA

Camisaria — Variado sortimento de camisas, camisolas, punhos, collares de todas as qualidades e feitos.  
 Gravataria — Ultimas novidades em gravatas, mantas, cache-nez, cache-col e lenços de seda.  
 Luvaria — Luvas de fabrico nacional e inglezas para senhoras, homens e creanças.  
 Perfumaria — Tudo o que ha de mais fino em extractos, essencias, sobonetes, etc.

Além d'estes artigos que constituem a especialidade d'esta casa encontra-se sempre o mais completo sortimento de roupas brancas para homens e senhoras, para cama e mesa; meias, lenços, edredons, bengalas e chapéus de chuva, etc.

EXECUTAM-SE ENXOVAES

Deposito das afamadas Rendas de Penitche

## E. Santos &amp; Freire

Secção especial de Commissões, Consignações e Representação

ESORIPTORIO

20, 22, Rua do Principe, 20, 22

LISBOA

Encarregam-se da compra e remessa de qualquer artigo estranho ao seu negocio, collocação de fundos, recebimento de juros e dividendos e liquidação de quaesquer negocios commerciaes, mediante modica commissão

Esta secção está a cargo do socio Fernando Freire bastante conhecida no Rio de Janeiro onde esteve muitos annos